



SAÚDE DO TRABALHADOR E FATORES PSICOSSOCIAIS

WORKER'S HEALTH AND PSYCHOSOCIAL FACTORS

ENTREVISTADOR



Marcelo Silva Carvalho — Discente do Curso de Graduação em Psicologia — Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Assis — UNESP. Estagiário da disciplina de estágio específico em Processo Saúde-Doença no Trabalho: Aspectos Conceituais e Metodológicos, da Ênfase “Subjetividade, Trabalho e Produção do Social”.

ENTREVISTADA



Livia de Oliveira Borges — Professora da Universidade Federal de Minas Gerais. Tem experiência em pesquisas na área de Psicologia do Trabalho e das Organizações, com ênfase em Fatores Humanos no Trabalho, atuando principalmente nos seguintes temas: significado do trabalho, saúde psíquica e trabalho e socialização organizacional

Resumo: Nessa entrevista a Doutora Livia de Oliveira Borges conta sobre sua trajetória profissional e as pesquisas realizadas no campo da saúde do trabalhador, bem como questões relacionadas aos fatores psicossociais no ambiente de trabalho. Aborda também os desafios e atuações do profissional da saúde no mundo do trabalho contemporâneo.

Palavras-chave: Saúde do Trabalhador; Fatores Psicossociais; Saúde Psíquica.

Abstract: In this interview Dr. Livia Oliveira Borges talks about her career and the researches conducted in the field of worker's health, as well as issues related to psychosocial factors in the workplace. She also addresses the challenges and the health professional performances in the world of contemporary work.

Keywords: Worker's Health; Psychosocial factors; Psychic Health.

Resumen: En esta entrevista doctora Livia Oliveira Borges habla de su carrera y las investigaciones realizadas en el campo de la salud en el trabajo, así como las cuestiones relacionadas con los factores psicossociales en el lugar de trabajo. También aborda los retos y las actuaciones profesionales de la salud en el mundo del trabajo contemporáneo.

Palabras clave: Salud Ocupacional; Factores psicossociales; Salud psíquica.

ENTREVISTA

Entrevistador: Doutora Livia, primeiramente gostaria de agradecer por ter concordado em ceder essa entrevista.

Entrevistada: Não há de que agradecer. Tarefas como essa fazem parte do nosso compromisso como professor-pesquisador, especialmente numa Universidade Pública.

Entrevistador: Gostaria de começar pedindo para a senhora contar um pouco da sua trajetória profissional até agora, e o que despertou seu interesse para atuar no campo da Saúde do Trabalhador.

Entrevistada: Essa é de fato uma longa trajetória. Antes de ser professora universitária, fui bancária no Banco do Estado do Rio Grande do Norte, BANDERN (não existe mais). Ali atuei na área de gestão de pessoas, mas ao mesmo tempo eu era bastante engajada com as lutas trabalhistas e fui da diretoria do sindicato dos bancários do Rio Grande do Norte. O contato com os bancários e o exercício de meu trabalho me deixou impressões muito fortes, como: o trabalho repetitivo da época (início de implantação da informática), as relações de poder muito desiguais, a alienação, os interesses divergentes, as dificuldades em construir uma unidade dos trabalhadores em torno das questões mais importantes, etc. Durante meu mestrado (ainda bancária) tive a oportunidade de começar a aprofundar meus conhecimentos para a compreensão da divisão social do trabalho, entre outros aspectos. Já professora universitária, desenvolvi minha tese de doutorado (defendida em 1998) acerca do significado do trabalho e a socialização organizacional. Essa trajetória e o tema da minha tese estão relacionados a aproximação do campo da saúde do trabalhador. Mas o retorno do doutorado na UnB para o exercício do cargo de professora na UFRN foi muito decisivo. Ao retornar, deparei-me, por exemplo, com a situação dos ex-funcionários do BANDERN, que viviam uma experiência ocupacional sem precedentes. Anos a fio sem definição clara da situação deles por uma liquidação extrajudicial do banco que se arrastava desde 1990. A partir daí não faltaram demandas oriundas de várias ocupações e que encontraram a minha motivação para estudar. Assim, junto com João Carlos Argolo (funcionário técnico-administrativo da UFRN) e alunos da UFRN, estudamos a síndrome de *burnout* em profissionais de saúde, junto com Silvânia Barbosa (UEPB), fizemos mais de uma pesquisa sobre os petroleiros no RN. Em outras palavras, os problemas de saúde do trabalhador são numerosos e devido minha trajetória estou atenta às demandas dos trabalhadores e tento respondê-las por meio da pesquisa.

Entrevistador: Qual sua percepção sobre a saúde do trabalhador no mundo atual? (mundo do trabalho atual *versus* saúde do trabalhador)

Entrevistada: De um lado, um problema muito sério, pois não faltam casos de adoecimentos no trabalho. No campo psíquico, observam-se as endemias de estresse e síndrome de *burnout*, depressões, abuso de substâncias, suicídios, LER/DORTS, etc. De outro lado, as medidas de promoção de saúde, de prevenção e de assistência ainda são insuficientes. Até os registros são pouco precisos (consideremos o exemplo da falta de qualidade do preenchimento das CATs). O respeito às condições de

trabalho e a fiscalização de tais condições são muito precários. Tecnicamente a humanidade avançou muito. Tais avanços poderiam ter vindo com melhorias de condições de trabalho, mas não é o que tem ocorrido. Ao contrário, as exigências aumentam sempre. Por exemplo, as jornadas de trabalho reais são muito distintas das jornadas oficialmente registradas. O trabalho e as relações de trabalho com ajuda das tecnologias de comunicação invadiram a vida pessoal, a família e os espaços de lazer. A fragmentação das ocupações dificultou imensamente a organização dos trabalhadores e diminuiu a capacidade de reação do trabalhador frente ao empregador. As relações de trabalho se tornaram mais complexas e as suas dimensões tácitas, subjetivas e não tangíveis se ampliaram. Os aspectos que problematizam a situação são muitos e não vou ser exaustiva aqui. Mas quero assinalar que tudo isto no campo específico da saúde psíquica se complica bastante, porque lidamos com o sofrimento humano e seus adoecimentos menos tangíveis e que, muitas vezes, são confundidos pelo senso comum com condutas desonestas, maldosas, de deliberadamente não cooperar, etc. A desunião, a indiferença e o distanciamento no ambiente de trabalho têm sido fomentados pelas relações de poder, pela competitividade e, principalmente pela gestão inadequada, afetando profundamente as pessoas. A alienação que todos nós vivenciamos no ambiente faz também que como trabalhadores nem sempre sejamos capazes de distinguir a origem e razões de certas demandas e exigências, o que por sua vez alimenta a desunião.

Entrevistador: Como podemos definir os fatores psicossociais no trabalho contemporâneo?

Entrevistada: Para mim, são aspectos que afetam o bem-estar psíquico das pessoas e da coletividade e, ao mesmo tempo, tem a ver com aspectos da estrutura, das instituições, da cultura e/ou da conjuntura social. Os aspectos psíquicos são inseparáveis dos sociais.

Entrevistador: Qual o papel de um psicólogo ao se deparar com riscos psicossociais em um ambiente de trabalho?

Entrevistada: Contribuir para transformá-los minimizando os riscos. Essa resposta pode ser muito direta, mas é um papel complexo a ser posto em prática, porque essa contribuição pode ser indireta, necessitando lidar com o coletivo de trabalhadores e valorizando o conhecimento que o trabalhador tem do próprio trabalho.

Entrevistador: Quais as categorias de trabalhadores mais afetadas pelos riscos psicossociais?

Entrevistada: Esse tema chega a ser polêmico. Mas defendo que não importa ficar verificando quem está mais em risco ou menos. Na realidade, estamos diante de diferentes riscos. Tanto é assim que a literatura tem mencionado endemias por ocupações. O estresse e a síndrome de *burnout* são muito frequentes entre aqueles que prestam serviços, cuidando de pessoas, como profissionais de saúde, educadores, etc.

Entrevistador: Como a psicologia pode contribuir para a área da Saúde do Trabalhador?

Entrevistada: A pesquisa em psicologia tem um papel importante, identificando e analisando as ocorrências de endemias, relacionando os riscos psicossociais existentes e as alterações psíquicas. E ao inverso deve contribuir para identificar os aspectos que constroem um ambiente que facilita promover a saúde e/ou o bem-estar. E no exercício da profissão o psicólogo pode contribuir em todos os níveis de intervenção: promoção, prevenção e assistência. É importante que o psicólogo dê visibilidade aos problemas psíquicos.

Entrevistador: Quais são os desafios atualmente para os profissionais que pretendem atuar no campo de Saúde do Trabalhador?

Entrevistada: Os desafios são muitos e parte deles estão no próprio sistema de saúde. É preciso reconhecer a necessidade do psicólogo nas equipes multiprofissionais. Ao que conheço, ainda são poucos os CERESTs que contam com psicólogos na equipe.

Nota

Esta entrevista foi realizada como parte da avaliação da disciplina Processo Saúde-Doença no Trabalho: Aspectos Conceituais e Metodológicos, sob a supervisão da professora Maria Luiza Gava Schmidt – Departamento de Psicologia Experimental e do Trabalho – FCL – UNESP – Campus de Assis – SP.

Entrevista realizada em: 18/01/2016
Aprovada em: 27/02/2016
Versão final apresentada em: 14/03/2016